

A ESCOLA COMO CIDADE E A CIDADE COMO ESCOLA

GONÇALO CANTO MONIZ⁽¹⁾; CAROLINA FERREIRA⁽²⁾; MARIANA CARVALHO⁽³⁾.

⁽¹⁾ Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra – CES/UC

⁽²⁾ Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra – CES/UC

⁽³⁾ Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra – CES/UC

Resumo:

A recente modernização da Escola Secundária, através da Parque Escolar, gerou na sociedade portuguesa um debate sobre os espaços de aprendizagem, nomeadamente sobre a sua abertura à comunidade, tanto do ponto de vista pedagógico como arquitectónico.

Com o objectivo de contribuir para este debate, os alunos de arquitectura desenvolveram, durante este ano lectivo, projectos académicos para reabilitar a Escola Secundária da Casa Branca, em Coimbra, a partir do tema “A Escola como Cidade” (Hertzberger, 2004).

Construída na década de 80 segundo um modelo pavilhonar, esta escola pretendia responder às exigências de um ensino público e obrigatório, sem contudo estabelecer relações urbanas. A abordagem da disciplina de Projeto IV é centrada na capacidade dos equipamentos escolares se constituírem como motores da transformação urbana. Deste modo, a metodologia de projecto fixa quatro etapas de investigação: análise da estrutura urbana envolvente através de mapeamentos críticos; definição de uma estratégia de intervenção urbana; reinvenção do programa escolar a partir de processos de participação com a comunidade escolar; desenvolvimento do projecto do edifício nas suas dimensões espaciais, programáticas, construtivas conceptuais; e apresentação dos resultados à comunidade escolar.

Esta comunicação pretende apresentar e problematizar os trabalhos escolares realizados, como investigações pelo projecto que contribuam para uma revisão do papel dos equipamentos escolares na cidade.

Palavras-chave: Escola-Cidade; Espaços de Aprendizagem; Investigação pelo Projecto.

A ESCOLA COMO CIDADE E A CIDADE COMO ESCOLA.

PROPOSTAS ARQUITECTÓNICAS PARA A TRANSFORMAÇÃO DA ESCOLA DA CASA BRANCA.



Fotografia 1. Fotografia da actual escola da Casa Branca.

A recente modernização das Escolas do Ensino Secundário, através da Parque Escolar, gerou na sociedade portuguesa um debate sobre os espaços de aprendizagem, nomeadamente sobre os critérios de intervenção num conjunto de edifícios de valor arquitectónico, pedagógico e social. Um dos aspectos mais relevantes do programa de intervenção focava-se na abertura à comunidade da escola, tanto do ponto de vista pedagógico e social como arquitectónico e urbano. Este aspecto tem sido, aliás, central na caracterização dos equipamentos escolares ao longo da história.

De facto, a massificação do ensino a partir dos anos 60 promoveu um sistema arquitectónico pavilhonar que não estabeleceu uma relação directa com a cidade. Ao contrário do que era prática desde o planeamento dos liceus da Primeira República, o desenho da cidade deixou de integrar os o desenho dos equipamentos públicos.

Os planos de urbanização do Estado Novo da década de 40 e 50 foram os principais incentivadores desta construção da cidade a partir dos seus equipamentos, porque garantiam o funcionamento de uma rede de serviços que colocava o Estado próximo do cidadão, tanto para o servir como para o controlar. Era simultaneamente uma estratégia política, social e económica.

Os liceus construídos na década de 40, de acordo com o plano de 38, representam o projecto educativo do Estado Novo. Procuravam também uma afirmação na cidade, onde o carácter monumental do edifício traduziu uma educação elitista. Já as escolas técnicas, construídas na década de 50, segundo a reforma do ensino técnico de 1947, abdicaram da referida monumentalidade, mas mantiveram uma forte relação com a cidade através do bloco de salas de aula que, definia o limite urbano da escola.

O conjunto escolar do Calhabé, em Coimbra, proposto por Étienne de Gröer e reformulado por Antão de Almeida Garrett, é um dos melhores exemplos desta forma de pensar a cidade e a escola. Perante a necessidade de planear a expansão da cidade, De Gröer propõe um pólo desportivo e educacional como centro de um novo bairro habitacional (Moreira, 2014). Por um lado, a Escola é assim entendida como espaço educativo e como espaço de formação social. Por outro lado, a cidade, nomeadamente a praça que organiza as duas escolas e a escola normal, constitui-se como espaço público de referência para uma formação cívica, ou seja, a cidade é também ela educadora. Estas relações não deixam de considerar a escola como um espaço de controle, onde os pátios de recreios são interiores e o gradeamento estabelece os limites entre escola e cidade.

O modelo pavilhonar, é em certo sentido, uma reacção à rigidez compositiva da escola dos anos 40, que corresponde também uma rigidez pedagógica pela hierarquização excessiva dos espaços. Desenvolvidos na década de 60, no âmbito do Plano Regional do Mediterrâneo, promovido pela OCDE, os projectos-tipo que adoptaram o modelo pavilhonar procuravam um sistema que fosse facilmente adaptável a qualquer terreno e a qualquer local. Neste sentido, os pavilhões articulados por galerias exteriores, projectados por Augusto Brandão e Maria do Carmo Matos nas Construções Escolares, permitiam a implementação extensiva de escolas em todo o território nacional seguindo ainda processos de construção baseados na pré-fabricação. Deste modo, pretendia-se também incentivar a indústria nacional. Do ponto de vista dos espaços de aprendizagem, este projecto previa blocos de sala de aula, blocos com espaços comuns, blocos para a educação científica e para a educação artística e tecnológica e blocos desportivos. Para além da identificação de cada bloco com o seu programa, este modelo permitia ainda construir um espaço de recreio livre, sem limites e sem forma, democrático; aberto à liberdade de cada aluno. No entanto, a investigação que deu suporte ao projecto de 1968 não esteve presente nos projectos desenvolvidos pelas *Construções Escolares* na década de 80, porque simplificaram o programa e os processos construtivos com o simples objectivo de construir massivamente.

O pragmatismo deste processo estava também relacionado com um planeamento escolar desarticulado do planeamento urbano, remetendo os espaço escolares para zonas periféricas onde os terrenos poderiam ser adquiridos a baixo custo. Neste sentido, a escola abdicou da sua vocação urbana e a cidade do seu compromisso educativo. No final do século XX, o equipamento escolar estava, de um modo geral, degradado e desactualizado do ponto de vista da relação entre os métodos de ensino e os espaços de aprendizagem.

A oportunidade criada com o *Programa de Modernização da Escola Secundária* (PMES) do *Parque Escolar* poderia permitir inverter este processo de regressão dos espaços de aprendizagem.

Esta comunicação não tem como objectivo analisar a actuação da *Parque Escolar*, mas dar um contributo para o debate através de um exercício académico de projecto de arquitectura que permita explorar outros conceitos, métodos e instrumentos para a intervenção num equipamento escolar. Ela pretende problematizar trabalhos escolares, realizados pelos alunos da disciplina de Projecto IV do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, como investigações pelo projecto que contribuam para uma revisão do papel dos equipamentos escolares na cidade e que, permitam reabilitá-la através da transformação de uma estrutura pré-existente, mantendo a função pedagógica e preservando parte significativa do complexo existente.

“A ESCOLA COMO CIDADE”

Com o objectivo de contribuir para este debate, os alunos de arquitectura desenvolveram durante este ano lectivo projectos académicos para reabilitar a Escola Secundária da Casa Branca a partir do tema “Transformar a Escola, Reabilitar a Cidade”¹ e que toma como referência a proposta de Herman Hertzberger (2004) “A Escola como Cidade”.

De acordo com Hertzberger, a escola ao ser pensada como uma cidade (pequena) propicia um entendimento do equipamento escolar segundo um sistema de ruas, pátios, praças e casas. A distinção entre espaços - abertos e fechados; públicos e privados; da esfera íntima e colectiva - é usado, no contexto urbano, para definir responsabilidades. É essencial para dotar a sociedade e o ambiente urbano de uma estrutura na qual as pessoas se possam relacionar e integrar a sua individualidade num colectivo diversificado e heterogéneo, passível de coexistir num território que lhes é transversal – a cidade.

Hertzberger considera, assim, a escola um modelo de cidade. Na tentativa de encontrar soluções que dessem forma a este desafio, Hertzberger desenvolve um novo conceito tipológico: a “Learning Street”. A ideia de uma “rua de aprendizagem” remete para esta noção: organizar o complexo escolar com tipologias urbanas, como ruas e lugares dentro dos edifícios, nos quais se oferece aos estudantes oportunidades de aprendizagem e onde se é confrontado com todo o tipo de informação de interesse público, como nas ruas reais. São percursos contínuos que abrangem uma sucessão de espaços (formais e informais), relacionados com diferentes situações de aprendizagem. A “Learning Street” articula os vários sectores funcionais da escola. As zonas integradas nesse percurso contribuem para fomentar a proximidade entre o aluno, os vários programas educativos e a comunidade escolar.

As bases para uma coesão social e uma cidadania mais participativa relacionam-se com o novo paradigma do pensamento e da acção pedagógicas introduzido por Herbart, nos inícios do século XIX, onde valores como segurança, respeito, tolerância são essenciais para um ambiente propício à educação (Hilgenheger, 1993). Neste sentido, a colaboração tem como ponto de partida as experiências pessoais e colectivas para aperfeiçoar aptidões pré-existentes e fazer surgir outras que contribuam significativamente para a nossa evolução, não se estabelecendo conceitos como “o melhor” ou “o pior” a fim de evitar a segregação, mas aceitar a diversidade e singularidade humanas como factor necessário ao nosso desenvolvimento. Esta consciência influencia o modo como nos relacionamos no mundo e, conseqüentemente, abre novos temas e desafios disciplinares.

Por outro lado Moos desenvolveu um modelo teórico para estudar as influências no ambiente de ensino da sala de aula. Interessa sublinhar que “o contexto global (onde se inclui a tipologia da escola, o programa pedagógico e a disciplina) pode ter um efeito social directo” (Moos, 1979, p.160). Para complementar a sua proposta, Moos refere ainda que “as características arquitectónicas têm um efeito social directo (...) ou indirecto através do seu efeito sobre as características organizacionais” (Moos,

¹ Este projecto foi desenvolvido no atelier de projecto “Densificar” da disciplina Projecto IV, coordenado por Gonçalo Canto Moniz. As co-autoras desta comunicação realizaram no 1º semestre desta disciplina o estágio docente do Curso de Doutoramento do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. O trabalho dos alunos foi desenvolvido em paralelo nas disciplinas de Projecto Urbano coordenado pelo professor Adelino Gonçalves e na disciplina de Construção II coordenada pelo professor António Bettencourt.

1979:160). Neste sentido, este autor e o seu estudo clarificam a interdependência entre diversos factores que devem ser considerados no projecto da escola.

Também Fernando Távora, arquitecto que influenciou a prática e o ensino da arquitectura em Portugal, entendia o papel educador da disciplina de arquitectura pela forma como ela interfere e altera necessariamente as estruturas pré-existentes, “(...) contribuindo para valorizar aspectos positivos da circunstância pré-existente”, e “criar nova e favorável circunstância, realizando assim obra de colaboração e de educação.” (Távora, 2004: 69) Obra de colaboração entendida como um trabalho de integração de diferentes valores e interesses colectivos e individuais, compreendendo e respeitando a continuidade da organização espacial desde a sua origem até à circunstância actual. Reconhece, por isso, que a relação de um edifício com o lugar é um fator de coesão e integração social da vida urbana. Caso contrário o espaço resulta apenas de ocupações dispersas e segregadas e nunca da sua organização, reflectindo-se no modo como a sociedade se relaciona entre si. Assim, “(...) se um mau edifício pode ainda ser suportável numa rua ou numa praça, na medida em que estas dominem sobre ele, um edifício mal relacionado com um sítio significa todo um extenso trecho de paisagem destruído, toda uma oportunidade perdida.” (Távora, 2004: 59)

Para Távora, a intervenção sobre o espaço construído integra a história, a cultura, a sociedade. Do ponto de vista metodológico, Távora desenha a transformação dos espaços ao longo do tempo, registando os momentos significativos na vida dos espaços.

Tanto Hertzberger como Távora reconhecem que a relação do edifício como o lugar nos seus aspectos formais, programáticos e construtivos, têm grande influência para a sociedade na forma como se organiza e relaciona. Reconhecem, também, que este pensamento usado na concepção projectual reforça relação do edifício com o território e, por conseguinte, com a cidade.

A ESCOLA DA CASA BRANCA



Fonte: Escala 1: 10 000 | Direcção Regional de Educação do Centro.

Figura 1. Planta Geral: localização das escolas preparatórias e secundárias de Coimbra.

Construída na década de oitenta segundo um modelo pavilhonar, a Escola Secundária da Casa Branca pretendia, como vimos no ponto anterior, responder às exigências de um ensino público e obrigatório, sem contudo estabelecer relações urbanas. Surgiu como parte de um plano nacional que previa o aumento do número de escolas, em resposta aos novos princípios e objectivos educacionais a serem desenvolvidos. Desde os anos sessenta que, pelos consecutivos programas de reformas do modelo de ensino, se tem vindo a aplicar, em linhas gerais, um regime de ensino público, financiado, obrigatório e para todos.

O pensamento arquitectónico ligado à concepção das novas escolas procurava dar forma à actualização de processos e métodos pedagógicos, propondo um modelo pavilhonar como base de um programa-tipo capaz de ser implantado em qualquer contexto. Apoiado em novos sistemas construtivos e materiais, este sistema arquitectónico permitia a redução do custo e do tempo de produção das escolas, respondendo, deste modo, às necessidades urgentes de ensino que as novas medidas assim desencadearam. Contudo, este modelo de escola não teve preocupações em estabelecer relações urbanas. Foi uma forma de ocupação do território de Coimbra e não da sua organização.

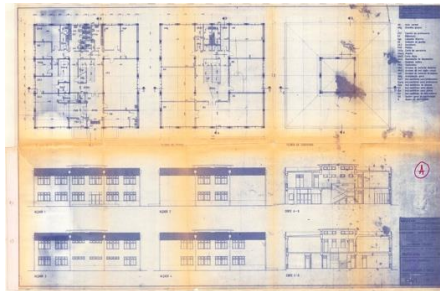
Neste contexto, a actual escola básica do 2º e 3º ciclo Dr. Maria Alice Gouveia integra a rede de escolas da cidade de Coimbra, sendo o centro do agrupamento com o mesmo nome. Localizada entre a linha de caminho-de-ferro e a Estrada da Beira - duas vias de ligação do centro às aldeias e indústrias dos arredores da cidade – e entre a encosta do Chão-do-Bispo, o Pinhal de Marrocos, o Bairro Norton de Matos e o Bairro da Solum, esta escola implantou-se no que era, na altura, a periferia. Uma periferia que estabelecia a relação entre o espaço rural e o urbano.

O projecto-tipo seguiu um princípio de concepção baseado no módulo da sala de aula de planta quadrada, conhecido pela tipologia do Bloco 3X3. Cada sala de, aproximadamente, 50m² estava inserida numa malha regular de 7,20X7,20m, originando blocos quadrados de dimensão final de 21,60X21,60m com dois pisos, autónomos e normalizados. No centro desenvolve-se a caixa de escadas que faz a distribuição para os átrios das salas e que liga à galeria exterior. O submódulo de 60X60cm permitiu ainda o desenvolvimento de tipologias de mobiliário. Construtivamente, os pavilhões têm uma estrutura porticada pilar-viga, em betão armado e lajes maciças ao nível do 1º piso e cobertura, sempre com os pilares distribuídos por uma malha regular de 7,20X7,20m no interior e de 3,60X5,60m no perímetro do bloco (Alegre, 2010: 146). Este sistema simplificado não dá resposta às exigências térmicas e acústicas actuais apresentando diversas patologias.

Estes blocos resolvem, simultaneamente, os espaços lectivos – salas de aula, laboratórios ou oficinas – e não lectivos – biblioteca, secretaria, direcção – em torno do módulo central onde se localizam as escadas de acesso ao piso superior, iluminadas naturalmente através de um sistema de lanternins. Os espaços destinados à sala de alunos, cafetaria e refeitório foram integrados num outro bloco de piso único com uma métrica de 5X3 em módulos de 7,20X7,20m, ocupando em regra uma posição de topo relativamente ao eixo principal do conjunto de implantação dos pavilhões de aulas.

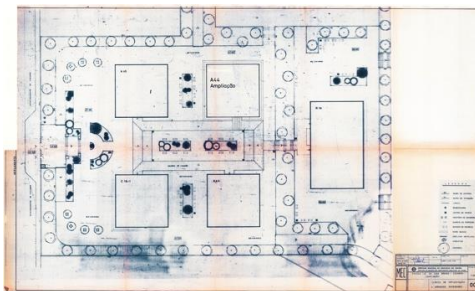
O terreno é organizado por plataformas onde se implantam os quatro pavilhões escolares, em torno de um espaço central definido pela galeria, que por sua vez faz a ligação ao pavilhão da cantina. Os espaços desportivos exteriores organizam-se nas plataformas superiores do terreno, definindo o limite a nascente. O pavilhão desportivo, construído posteriormente, não estabelece relações com os outros espaços lectivos. No entanto, os pavilhões lectivos e desportivos não têm uma relação directa com a rua. A relação com a rua é definida por um muro de betão com engradeamento. Para agravar esta situação, a escola está implantada ao lado de um parque de sucata da polícia segurança pública.

Implantada numa zona periférica em formação, a Escola da Casa Branca foi absorvendo o crescimento urbano de Coimbra dos anos oitenta até agora, integrando um tecido heterogéneo onde se confrontam espaços rurais, espaços urbanos, vias de circulação e áreas comerciais. Hoje são bem visíveis as consequências a nível de organização territorial que esta forma de planeamento de redes escolares despoletou: um tecido segregado, de aglomerados dispersos com dificuldades de relação entre eles.



Fonte: Escala 1: 200 | Direcção Regional de Educação do Centro.

Figura 2. Planta de Implantação e Arranjos Exteriores | Escola C+S da Casa Branca – Coimbra.



Fonte: Escala 1: 100 | Direcção Geral dos Equipamentos Educativos | Divisão do ensino Básico e Secundário.

Figura 3. Plantas, Cortes e Alçados | Bloco A - Tipo C16/1, Escola Secundária Coimbra nº7.

INVESTIGAR PELO PROJECTO

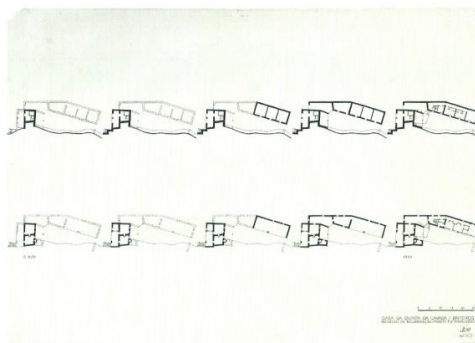
O exercício da disciplina de Projecto IV proposto aos estudantes centra-se, assim, na reinvenção do programa do edifício, partindo da sua matriz, mas explorando as suas funções específicas com intenções urbanas mais amplas. Pretende-se que os alunos pensem “A Escola como Cidade”, para utilizar a já referida expressão de Herman Hertzberger (2004), com o objectivo de reforçar a importância do sentido de comunidade que a escola tem através da valorização dos espaços de aprendizagem informais sobre os formais. Claro que Hertzberger se baseia no *dictum* albertiano de que “a cidade é uma casa grande e a casa é uma cidade pequena”, mas aqui sugerimos que, por um lado, “a escola é uma cidade pequena”, com a intenção de explorar a qualidade dos espaços que servem, e por outro lado, que “a cidade é uma escola grande”, onde o processo de aprendizagem não tem limites, ou seja, a cidade é o espaço de aprendizagem por excelência.

Pretende-se também, de acordo com a tradição do planeamento novecentista, que a escola seja um motor da reabilitação urbana, pela sua capacidade de não só agregar a comunidade de estudantes, pais, docentes e funcionários, mas também de desenhar a cidade e o seu espaço público. Metodologicamente, foi assim incentivado um processo participativo de modo a compreender e integrar diferentes escalas sociais que participem directamente do seu funcionamento.

A abordagem da disciplina de Projeto IV e dos alunos é centrada na capacidade dos equipamentos escolares se constituírem como motores da transformação urbana. Deste modo, a metodologia de projecto fixou quatro etapas de investigação: num primeiro momento, de análise à estrutura urbana envolvente, através de mapeamentos críticos; num segundo momento com a definição de uma estratégia de intervenção urbana; num terceiro momento reinventa-se o programa escolar a partir de processos de participação com a comunidade escolar; num quarto e último momento desenvolveu-se o projecto de arquitectura nas suas dimensões espaciais, programáticas, construtivas conceptuais; por fim, apresentam-se os resultados à comunidade escolar.

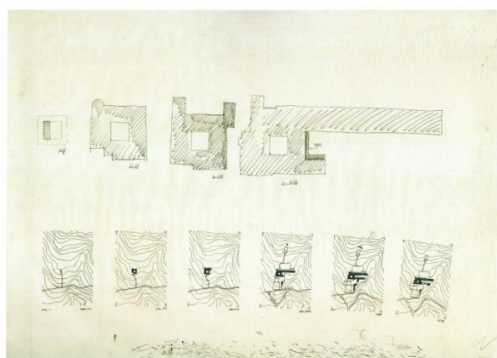
A fase inicial é caracterizada por um momento de reflexão de carácter analítico que permita uma avaliação crítica do edifício e do seu contexto, cruzando um estudo histórico, pedagógico e sociológico com um estudo técnico e documental (Moniz, 2012: 30) que possibilite “a busca de uma síntese que recolha o fluir do tempo e possa acolher serenamente o futuro” (Costa, 2006: 81). Foram, então, realizadas actividades com os alunos que promovessem a compreensão e interpretação da circunstância singular da Escola da Casa Branca com o objectivo de mapear problemas e consequentemente desenvolver propostas e estratégias que potenciem a integração da dimensão pedagógica e urbana do complexo escolar através da sua organização.

O mapeamento é uma técnica que possibilita, por meio de representações gráficas, diagnosticar o contexto. É um sistema de representação que reflecte aspectos da organização do território atentos nas acções do projecto sobre o meio, procurando o entendimento do território pelo desenho. São exemplos as plantas desenvolvidas por Fernando Távora, tanto de análise histórica do crescimento urbano de Guimarães como do levantamento das fases históricas do edificado da Pousada de Santa Marinha da Costa e da Casa da Quinta da Cavada, além das plantas de análise topográfica de Montemor-o-Velho (Figuras 4, 5, 6, 7 e 8). Estes desenhos são sistemas de representação que incorporam o tempo e utilizam o conhecimento da história como uma ferramenta operativa de projecto. O acto de projectar é assim comum ao acto de investigar de modo a conhecer, operar e transformar o território. Envolve um processo de maturação para clarificar intenções.



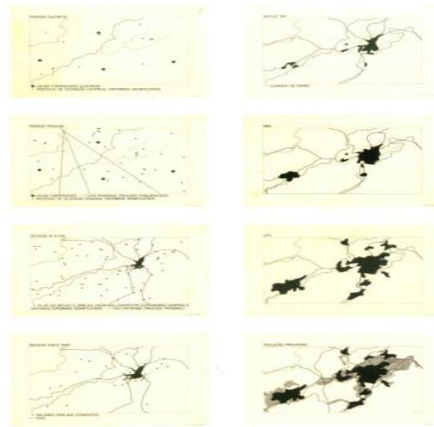
Fonte (AA.VV, 2012: 391)

Figura 4. Levantamento das fases históricas do edificado da Casa da Quinta da Cavada (em Briteiros) desde 1650 a 1991.



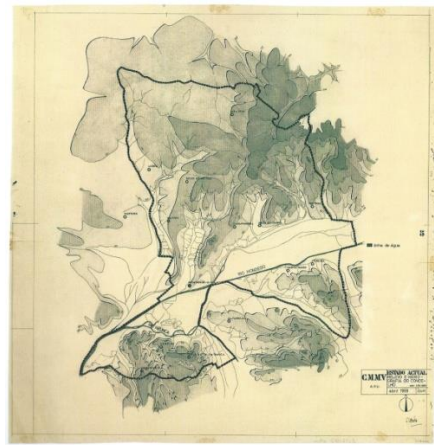
Fonte (AA.VV, 2012: 345)

Figura 5. Levantamento das fases históricas do edificado da Pousada de Santa Marinha da Costa.



Fonte (AA.VV, 2012: 354)

Figura 6. Plantas de análise histórica do crescimento urbano de Guimarães.



Fonte (AA.VV, 2012: 219)

Figura 7. Planta de análise da topografia do concelho para o Antepiano de Montemor-o-Velho.

Do trabalho dos alunos, realizado em grupo, surgiram diferentes interpretações do território, que pressupõem também diferentes estratégias de intervenção. Nuns casos identificaram a necessidade de redireccionar a estrutura urbana tendo como foco o núcleo consolidado do Bairro Norton de Matos e sua relação com a linha de metro e a mancha verde envolventes. Noutros casos consideraram a lógica de quarteirão, onde a escola se implanta, explorando as potencialidades que o seu (re)desenho poderia desencadear na consolidação e reestruturação deste tecido urbano.

Outras lógicas foram representadas, identificando os vazios urbanos circundantes ao complexo escolar ou o cruzamento dos percursos viários principais com possíveis corredores “verdes” de circulação pedonal. Pretendia-se também promover a relação da escola com os sistema de mobilidade. Por um lado, com a Estrada da Beira no sentido de lhe dar um carácter mais urbano e, por outro lado, com a linha do futuro metro Mondego a nascente.

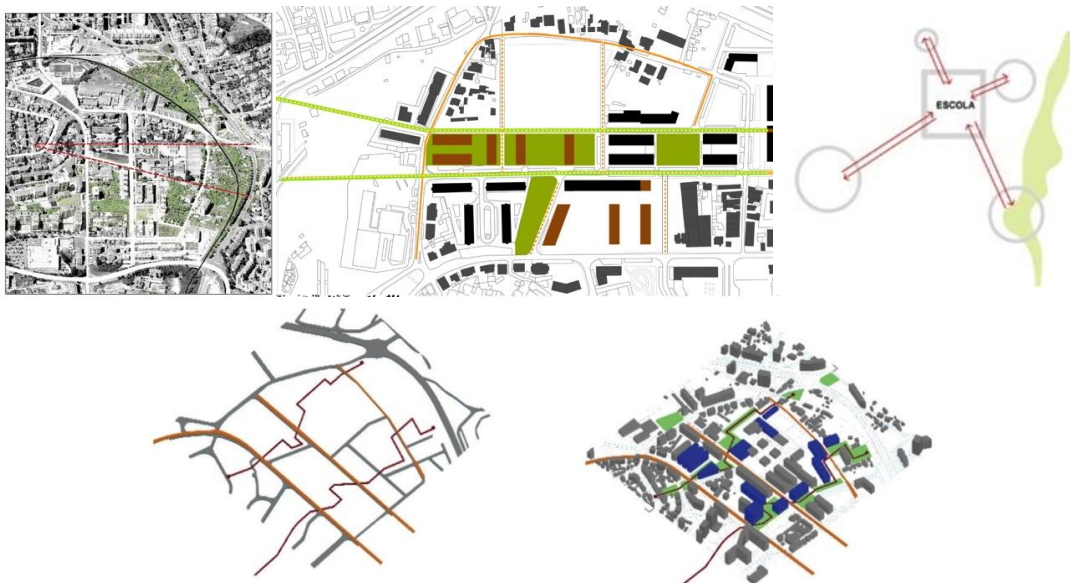


Figura 8. Desenhos dos alunos de projecto IV 2013.

Simultaneamente, o trabalho de análise e crítica levou à definição de estratégias de intervenção urbana através do programa escolar. Neste sentido, as questões urbanas, programáticas e construtivas foram sempre acompanhadas de uma forte consciência do significado de edifício e do espaço urbano a intervir, ou seja, do legado arquitectónico, urbano e pedagógico da escola.

Contudo, a intervenção num edifício preexistente, como o desta escola, coloca problemas complexos devido à sua especificidade funcional e à sua fragilidade construtiva, por estar vinculado a sistemas de produção tipificados.

O processo foi complementado com o convite à participação dos usuários da escola. Em algumas visitas, fomentou-se a discussão com professores e alunos com a finalidade de envolver e integrar outras perspectivas sobre o espaço de aprendizagem. Pretendia-se, assim, desenvolver a crítica ao programa escolar e urbano com o objectivo de criar interdependências entre ambos os contextos.

CONSTRUÇÃO DO PROGRAMA ARQUITECTÓNICO E PEDAGÓGICO

O programa da Escola da Casa Branca segue o padrão das escolas secundárias com 570 alunos e 30 salas de aula, mas apresenta aspectos específicos que são parte da identidade da escola, como os espaços de apoio à educação especial, os centros de recursos e os clubes de teatro e de dança (Agrupamento, 2010).

Do ponto de vista programático, a relação do equipamento escolar com a cidade foi entendida pelos alunos como uma oportunidade para transformar o programa escolar da Casa Branca. De um modo geral, resultaram tanto posturas menos interventivas, mantendo as estruturas pré-existentes, como atitudes de ruptura, com a demolição de parte edificada. A partir destes pressupostos, os projectos procuraram soluções para valorizar a relação urbana, resolver a tensão entre os novos corpos e os edifícios existentes e partilhar programas da escola com a comunidade.

Em algumas propostas foi explorada a ideia de limite, ou seja, o espaço que determina o interior da escola fechado e controlado do espaço público exterior. Nuns casos, o limite foi estabelecido por meio de galerias de distribuição entre pavilhões. Deste modo, cria-se uma alternativa à actual vedação em rede e continua-se a lógica do sistema pavilhonar ao associar um edifício a um pátio como estratégia de organização espacial. O desenho da galeria construída permite criar diferentes hierarquias espaciais; momentos de entrada e saída controladas; e espaços mais intimistas ou abertos ao espaço público (Figura 9).

De outra maneira, mas segundo a mesma ideia, outras propostas optam não por encerrar o perímetro escolar, mas por eliminar a barreira cedendo o espaço da escola à cidade. Formalmente, estrutura e desenha o espaço através de passadiços que, em certos momentos, albergam novos programas. Gerando uma nova regra de composição urbana, estes percursos ligam todos os pavilhões existentes entre eles e estendem-se até se diluírem com tecido envolvente. Consegue-se, de uma forma directa e clara, reorientar, ligar e gerar novas tipologias urbanas para um novo programa escolar (Figura 10).

Outras abordagens apostam numa organização espacial a partir do cruzamento de circulações privados ou públicos. Destaca-se a sobreposição de sistemas de circulação e usos distintos. A hierarquização de funções e programas é feita com a introdução de novos corpos estreitos e esguios que, além de criarem nova organização funcional e programática articuladas com os preexistentes, desenham todas as frentes urbanas, valorizando novas relações. A gradação dos espaços e programas mais íntimos para os mais públicos é assim conseguida, oferecendo simultaneamente espaços encerrados e espaços abertos à passagem e usufruto da comunidade coimbrã.

A introdução de novos edifícios e programas é utilizadas, em alguns casos, para redireccionar e reorientar o complexo escolar no quarteirão existente. Esta lógica de desenho tem como objectivo criar novas possibilidades de conexão com o envolvente e recontextualizar o existente. Oferece novas leituras espaciais e novas possibilidades à cidade (Figura 11, 12 e 13).

A conhecida tipologia urbana 'boulevard' foi utilizada também em algumas propostas, como corredor que agrega alguns equipamentos e acontecimentos escolares e urbanos. A introdução de tipologias tradicionalmente desenhadas para espaço público, geraram um novo conceito de escola. Uma rua larga que agrega programas que tanto podem ser somente da escola, como de usufruto público, tais como bibliotecas, pavilhões desportivos, auditórios, entre outros.

Por oposição à tipologia de 'boulevard', outras propostas exploraram a ideia de praça, como espaço de articulação entre a escola e a cidade, não só através do espaço público como também através de equipamentos partilhados por ambas as entidades, como a biblioteca (Figura 14).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do ano lectivo, os alunos desenvolveram uma forte consciência crítica sobre o significado do espaço escolar e o seu potencial urbano. De um modo geral, o exercício obrigou à crítica a determinadas concepções de escola centradas na sala de aula e na ideia de espaço controlado e delimitado.

Neste sentido, experimentaram-se soluções que implicam a actualização de métodos de ensino e o desenho de dispositivos de controle que não passem pelo muro, mas por elementos mais permeáveis como a galeria, o percurso, o desnível, etc.

Assim, os espaços informais tornaram-se espaços com forte carácter pedagógico, entendidos como prolongamento dos espaços formais, promovendo assim uma educação mais democrática, humanista e também mais responsável, onde o ensino individual é substituído pelo trabalho colectivo e por uma atitude dialogante.

Conscientes também das limitações do espaço urbano envolvente, as propostas procuraram oferecer à cidade e à comunidade da Casa Branca espaços públicos qualificados que promovam a requalificação da vida urbana. Ou seja, pretendeu-se promover no aluno uma atitude crítica e de compreensão perante a circunstância que o envolve.

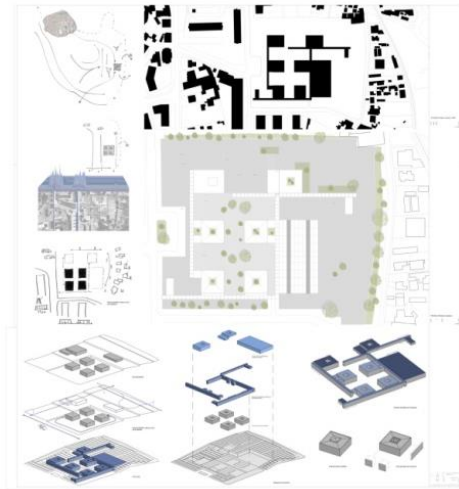


Figura 9. Proposta de Requalificação da Escola da Casa Branca - Projecto IV - 2013/214 - Alende Patiño.

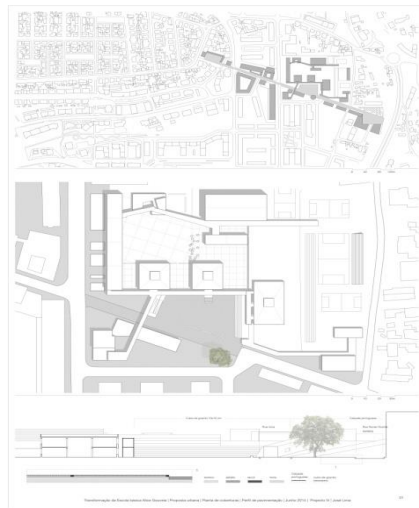


Figura 10. Proposta de Requalificação da Escola da Casa Branca - Projecto IV - 2013/214 - José Lima.

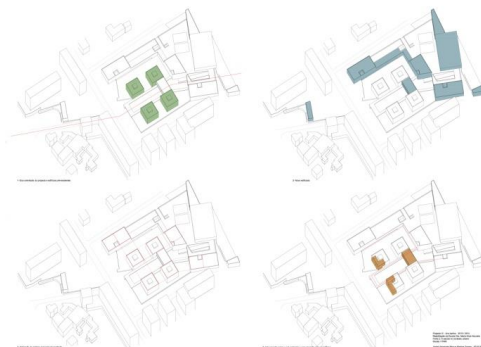


Figura 11. Proposta de Requalificação da Escola da Casa Branca - Projecto IV - 2013/214 - André Alexandre Gomes.

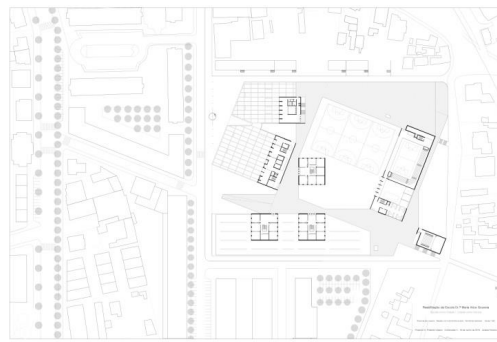


Figura 12. Proposta de Requalificação da Escola da Casa Branca - Projecto IV - 2013/214 - Juliana Ferreira.

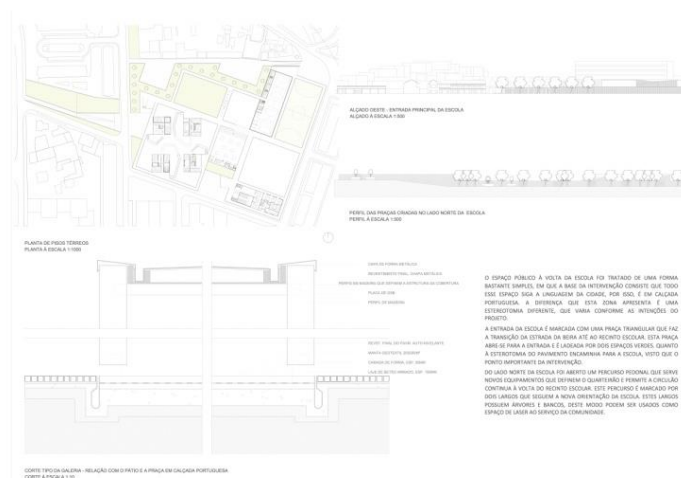


Figura 13. Proposta de Requalificação da Escola da Casa Branca - Projecto IV - 2013/214 - Tânia Guedes.



Figura 14. Proposta de Requalificação da Escola da Casa Branca - Projecto IV - 2013/214 - Maria Montenegro Vazquez.

BIBLIOGRAFIA

AA.VV (2012) Fernando Távora: Modernidade Permanente. Bandeirinha, José António (Editor) Guimarães: Casa da Arquitectura. Catálogo da Exposição.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS MARIA ALICE GOUVEIA (2010), Projecto Educativo. Consultado em <http://eb23mag-m.ccems.pt>

- ALEGRE, ALEXANDRA (2010) "Projectos-Tipo para o Ensino Secundário", *Liceus Escolas Técnicas e Secundárias*, Parque Escolar(Edição), Teresa Heitor (coord.), 140-147.
- COSTA, ALEXANDRE ALVES (2006) "Quando o património é a casa do vilão", in *Alexandre Alves Costa*. Lisboa: OA, Caleidoscópio.
- FARIA, JOSÉ DE SANTIAGO (2006) *Evolução do espaço físico de Coimbra*, [Exposição / comissário Santiago Faria ; coord. João Rebelo], Coimbra, C. M. C.
- GRANDE, NUNO (org. e coord.) (2001) *Porto 2001. Regresso à Baixa : consulta para a elaboração do programa de requalificação da Baixa Portuense*. Porto: FAUP Publicações
- HERTZBERGER, HERMAN (2008) *Space and Learning: Lessons in Architecture 3*, Roterdão: 010 publishers
- HILGENHEGER, NORBERT (1993) Perspectives: Revue Trimestrielle de l'Éducation Comparée, v. XXIII, n. 3-4, (Paris, UNESCO: Bureau International d'éducation). Tradução de José Carlos Libâneo.
- MONIZ, GONÇALO CANTO (2007) *Arquitectura e Instrução. Projecto moderno do liceu: 1836-1936*, Coimbra: e|d|arq
- MONIZ, GONÇALO CANTO (2009) "A Construção do Programa Liceal: Arquitectura, Política e Ensino", in *Arquitectura 21*, 4, 28-36
- MONIZ, GONÇALO CANTO (2009), "A Construção do Programa Liceal: Arquitectura, Política e Ensino", *Arquitectura 21*, 4, 28-36.
- MONIZ, GONÇALO CANTO (2011) "Ambientes Formativos, Perspectivas Críticas", in *ARQ.A*, 88-89, 36-38
- MONIZ, GONÇALO CANTO (2011) "A Cidade dos Equipamentos de Ensino", in Rui Ramos (org.), *Leituras de Marques da Silva*. Porto: Fundação Instituto José Marques da Silva, 122-131
- MONIZ, GONÇALO CANTO (2012), "Intervenção sobre o Espaço Liceal Moderno: Problemas, Estratégias e Respostas", *Anuário do Património*, 1, 1, 172-179.
- MOOS, R H (1979) *Evaluating Educational Environments*, San Francisco: Jossey-Bass
- MOREIRA, MABELY (2014) *Zona Escolar do Calhabé e a (re)construção da cidade moderna*. Coimbra, Departamento de Arquitectura da FCTUC, Tese de Mestrado
- ROSSI, ALDO (1966) *La Archittettura della Città*. Pádua: Marsilio Editori.
- SOLÀ-MORALES, MANUEL (1989) "Un'altra tradizione moderna. Dalla rotura dell'ano trenta al progetto urbano moderno", in *Lotus International*, 64, 6-31.
- TÁVORA, FERNANDO (1962) *Da Organização do Espaço* (5ª Ed. 2004) Porto: FAUP Publicações.